

1

A Chamada

Finalmente acabo de me sentar. Como se tivesse bichos pelo corpo inteiro, procuro uma posição confortável, folgando a roupa que me atrapalha os movimentos. Enrosco-me de um lado para o outro até encontrar o pouso certo, como um gato quando se aninha para dormir. Não me chamasse eu Mia. Tento abstrair-me da azáfama dos outros passageiros, ruidosos, que se dirigem para os seus lugares de cabeças levantadas, à procura de um buraco disponível para colocarem a bagagem de mão. O voo está cheio. E eu, vazia. [...].

Até a companhia aérea parece conspirar contra mim. Passei o fim de semana stressada a tentar resolver o imbróglio. Os voos de ida e volta foram cancelados na sexta-feira devido à greve. Que irritação! Se pudesse, esganava os controladores aéreos.

[...]. O que farei eu em Milão sozinha mais uma noite? Por que razão tudo me acontece?

[...]. O meu disco rígido está cheio e desconfigurado. Não dou rendimento. Para poder assimilar o que quer que seja, tenho de eliminar outra informação. Memória *full*. Tenho o raciocínio atrofiado, não consigo ter um discurso fluido e inteligente, a objetividade e a criatividade abandonaram-me sem licença. Perdi a capacidade de me focar no essencial, a destreza de priorizar. Até quando conseguirei disfarçar que o meu talento agora é nulo? Sinto-me esgotada. *Burnout*. Queimei até à exaustão.

Nunca na vida pensei chegar assim aos 50 anos. Não era esse o plano. O meu plano era chegar aqui com uma vida estável, com legitimidade para delegar sem ter de trabalhar tanto, e poder dedicar-me a uma paixão antiga, guardada num armário à espera de ser restaurada. Desde criança que quis ser música de carreira. Tive aulas de piano, mas as horas que praticava não eram suficientes para me desenvolver na arte e os meus pais não podiam ter um em casa. Foi mais fácil dedicar-me à guitarra acústica, até que me apaixonei. Houve uma fase em que andava sempre comigo, especialmente quando comecei a ter carro. Levava-a para as noitadas, para as tardes de praia, e até mesmo para as noites de estudo intensivo em casa de amigos, mesmo em preparação para os exames de admissão. Puxávamos uns pelos outros e, quando precisávamos de uma breve pausa, uns iam à cozinha para comer, outros jogavam Tetris no computador, e eu tocava aquelas músicas que sabia que iriam animar-nos.

Agora percebo que o meu talento em matemática acabou por me trair. Nem eu nem ninguém pensou, nessa fase, que o meu engenho para a matemática podia significar habilidade para a música. Desviei-me da minha maior vocação. Mas o universo fala por números. É irónico, não é?

[...].

Nisto, sou sacudida pelo passageiro do lado para que aceite a refeição que a hospedeira me quer passar. Sorrio meio incomodada pela interrupção da minha história em retrospectiva, e estico o braço para alcançar a caixinha com o lanche. Logo atrás surge o comissário de bordo com o carrinho das bebidas.

- O que bebe? - pergunta-me com um olhar vivo.

É um jovem lindo. Cabelo claro, barba aparada de três dias, olhos verdes e um sorriso com uma dentição de fazer inveja.

- Pode ser um bagaço! - respondo marota, tentando recuperar o sentido de humor de outrora.

- Ahhh... isso não temos. Mas temos um vinho branco fresquinho de que vai gostar.

[...].

- Pode ser, por favor. Cheio... - aceito com um sorriso ainda mais malicioso. [...].

Volto a aconchegar-me na cadeira, depois de guardar o lanche para logo. E rapidamente volto ao registo anterior, passar a minha vida em retrospectiva.

Passei-a a fazer escolhas, no meu entender boas, sem me culpabilizar do que não fui capaz de realizar, agradecendo e enaltecendo todas as conquistas. Fui capaz de romper com relações tóxicas, libertar-me de apegos, e só assentei quando senti ter encontrado a tampa do meu tacho. Casei com o homem da minha vida, o meu melhor amante e amigo de sempre, não havia companhia que eu apreciasse mais do que a do Lourenço. Ao longo de vinte e seis anos partilhámos tudo. A verdade, o companheirismo, o romantismo, o altruísmo, e o trabalho de equipa para alcançar os objetivos que nos dariam conforto ou gozo. A confiança mútua era total. Conhecíamos-nos tanto às cegas como do avesso. Daríamos a vida um pelo outro. Todos os dias ao deitar, havia sempre uma palavra reconfortante e motivadora, como “amo-te muito; és o que tenho de mais importante na vida; não seria ninguém sem ti; ter casado contigo foi o melhor presente da minha vida; tenho muito orgulho em ti; admiro-te muito; voltava a casar contigo...”, e agradecíamos a Deus. Alimentámos o nosso casamento com amor incondicional, saudável, equilibrado, leve... sem conflitos, sem ciúmes, sem desleixo.

[...].

Mas o excesso de confiança e de trabalho distraíram-me, não percebi que o Lourenço acusava sinais de saturação nos últimos... sei lá, dois anos? (...)

Agora, vou a caminho de Milão com o coração despedaçado. Há dois meses, aconteceu o inevitável: com toda a elegância que o caracteriza, o Lourenço falou-me abertamente que começou a sentir rotina na nossa relação, blá, blá, blá, e que recentemente tinha conhecido uma mulher interessante, ou melhor, fascinante. É de nacionalidade sueca, instrutora de dança e também pratica vela. Confessou-me que se sentia de cabeça perdida, dividida, e que queria aproveitar o momento, porque “na vida, só nos arrependemos daquilo que não fazemos”, mas que eu seria para sempre a mulher da sua vida.

[...].

Mostrou-me fotos dessa mulher. Não me sai da cabeça. Tem uma idade próxima da minha, mas com a frescura preservada nos seus olhos azuis translúcidos, emoldurados por longos cabelos dourados. A sua pele é sardenta, e apresenta já algumas manchas. Nota-se

que é uma mulher que gosta de mar, mas bem cuidada. O seu corpo parece ser firme e atlético, e bem mais alta do que eu. Pelo decote, percebi que os seus seios são tão generosos que nem eu em qualquer uma das minhas três gravidezes consegui aquela dimensão. Enfim, a Helen tem o perfil de mulher de que ele gosta fisicamente. E parece que intelectualmente também. Ele anda nas nuvens.

Mantive-me num estado quase indolor nos primeiros dias, mas assim que saio desse estado anestésico entro em estado de choque. Faço-me de forte à frente, mas vomito as entranhas às escondidas. (...). Tudo parece estar perdido.

Num gesto de buscar conforto, levo a mão ao pescoço e procuro as três medalhas na corrente de prata: R de Rita, A de Afonso e D de Dinis. Pelo menos tenho os meus filhos. [...].

Corre-me uma lágrima enviesada até ao cabelo. Endireito a cabeça, sem encontrar uma posição confortável. Dói-me a alma e o corpo, estou há demasiado tempo parada.

Oiço o comandante anunciar que o avião vai começar a descer. “Aterremos em Malpensa dentro de 15 minutos.” Presto atenção apenas ao que informa sobre a temperatura local e estado do tempo. Chove. Abril, águas mil.

Lamento profundamente pelo que estou a passar. Não o mereço, e penso nisto constantemente. Porquê? Porquê? Sempre tive a minha vida sob controlo. Na verdade, sempre me senti uma privilegiada. Porquê agora? Justamente agora nada me corre bem?

Controlar pensamentos destrutivos quando já se está em falência é uma arte. E eu, ainda uma aprendiz. [...]. A situação é grave, apenas quero que me deixem ficar na cama em posição fetal até que volte a luz. Eis-me derrotada. Xequemate. Estou a fazer o meu próprio luto.

Ultrapassadas as nuvens e já a baixa altitude, o anoitecer dá vida às luzes da cidade que traçam os trilhos por onde circulam carros como formigas. Volto o rosto para a janela e vejo-o refletido no vidro. Um rosto que não é o meu, mas o de uma mulher já madura, envelhecida precocemente, com um semblante carregado e doentio, de pálpebras inchadas e traços marcados. E o herpes labial é o maior protagonista neste rosto estampado de tristeza. Sinto-me em desgraça e cheia de pena de mim mesma.

Só que desta vez não desvio o olhar de mim como costume fazer, pelo contrário. Fixo o reflexo e penetro o olhar dela com todo carinho, como se finalmente acudisse a minha melhor amiga. E, de olhos nos olhos, profiro baixinho: “És uma mulher linda. Vais saber tomar conta de ti. Relaxa, vai correr tudo bem.”

Sinto o impacto do trem de aterragem a embater no solo. Até que enfim, cheguei.

1.2

O voo acabou por aterrar só às 20h30, meia hora depois do previsto. Mais atrasada estou para o jantar, que deve estar a começar.

Ativo o telefone e vejo as mensagens que entraram, entretanto. Mais umas tantas do Lourenço, preocupado comigo. Outras do Esteban, meu amigo e colega catalão, que recentemente foi transferido para a sede em Milão como *controller* financeiro, dando suporte a todas as sucursais. “Quando chegas? Estás atrasadíssima... o *buffet* já começou”, escreveu. “Acabei de aterrar, começa sem mim”, respondo.

[...].

[...]. Entre a espera da bagagem e a deslocação, acabo por chegar à Gare Centrale já perto das 22h00, tardíssimo. Deveria ter apanhado um táxi. É a primeira vez que saio nesta estação. A pressa fez-me percorrê-la sem prestar atenção à sua beleza ativa e grande magnitude. Aliás, há muito que não presto atenção a nada.

Na saída principal deixo-me ficar à entrada, paralisada pela chuva forte que se vê de dentro. Era só o que mais me faltava.

Tinha recebido instruções para me dirigir a pé até ao hotel, que ficava muito perto da estação. Vejo em frente a paragem de táxis. Abro o trólei sobre o chão sujo e retiro o guarda-chuva. [...].

Nisto, aparece-me à frente um homem todo desalinhado, não sei se novo a aparentar ser velho se velho a aparentar ser novo. Encara-me e dirige-se a mim:

- *Bisogno di aiuto?*

É comigo que fala? Estou com cara de quem precisa de ajuda?

Tem um gorro escuro na cabeça, deixando os seus cabelos grisalhos e ondulados de fora. O blusão verde-seco fica-lhe largo, dando a entender ter sido de outra pessoa. É um homem alto, mas esguio. As mãos estão protegidas com umas luvas pretas sem dedos e seguram uma lata de bebida. Não me parece ser de cerveja. Não percebo bem se é um mendigo, se apenas um descontraído.

- Eu não falo italiano - respondo no meu idioma.

Rapidamente, volta a fazer-me a mesma pergunta, mas agora em inglês com uma pronúncia latina:

- *Do you need help?*

- *No, thank you...* - replico amavelmente, desviando o olhar para que me deixe em paz.

Sem arredar pé, assim permanece até que volte a encará-lo e, quando isso acontece, o seu olhar penetra-me fundo na alma e profere sem filtros:

- *You are a beautiful woman* - e vai-se embora.

O que ele acabou de fazer foi... sim, foi dar a mão a quem se está a afogar, puxando-me das profundezas. Encheu-me os pulmões de oxigénio, reanimando-me.

Sorri e agradeci-lhe, estando ele já fora do meu alcance, diluído na multidão. Algo me diz que ele sabia o que fazia. Como um anjo a soprar-me ao ouvido, recebi uma confirmação celestial às afirmações que fiz a mim mesma antes de aterrar.

[...].

A chuva torrencial e o peso da bagagem fazem com que o caminho pareça muito extenso, e até é. A sinalização do Google Maps por vezes não é precisa. Passo por um

hotel, mas mantenho a atenção no mapa de estrada. Continuo a seguir pela calçada chegando-me à parede para me proteger da chuva, e contorno o edifício majestoso. Reparo na sua construção, verdadeiramente imponente. Dou a volta ao gigante monumental e, não encontrando nenhuma entrada, acabo por regressar ao mesmo lugar, dando uma volta de 360 graus debaixo de chuva, exausta, molhada, e muito atrasada. “Ah, afinal é esta a entrada! Bolas, como não vi logo? Raios partam o Google!” [...]. Quando estamos mal, tudo pode correr pior, como que mergulhados numa maré de arrasto.

[...].

Enquanto espero para fazer o *check-in*, leio mais uma mensagem do Esteban: “Mia, despacha-te! Já estão a retirar coisas do *buffet*! Fecham às 22h30!” Olho para o relógio e percebo que tenho poucos minutos. O restaurante está prestes a encerrar. “Faço o *check-in* depois!” Sigo as indicações de restaurante, arrastando o trólei molhado por entre os salpicos do guarda-chuva, marcando o chão com pegadas de corpo ausente.

[...].

Um dos empregados indica-me a mesa onde ficar, e diz-me para ficar à vontade. Ainda vão demorar mais de meia hora até fecharem. Pede-me apenas que me sirva de tudo o que quiser para poder retirar o *buffet*.

Comi. Bebi. Relaxei. E vou então dormir.

1.3

Abro as cortinas que pesam das grandes janelas e observo o amanhecer da cidade. Não se ouve um ruído, as janelas são bem estanques. Já não chove e até se veem uns tímidos raios de sol a espreitar por entre as nuvens. Continuo no mesmo registo, a sentir-me atrofiada, vencida, sem esperança e sem energia. Lamento a minha incapacidade de gerir as emoções, a fraqueza com que me deixo afetar pelas barreiras postas no meu caminho, incapaz de as ver como desafios.

[...].

Desço para tomar o pequeno-almoço e vejo o salão repleto de caras conhecidas. O Esteban está acompanhado e sem lugar para mim. *Ciao* a todos e sento-me na mesa mais próxima do *buffet*, não gosto de andar muito. Falta meia hora para a convenção começar, estou com tempo.

De surpresa, senta-se à minha frente o diretor-geral do grupo, Philippe Maes. Já comeu e bebeu o seu café da manhã e assim está disponível só para falar, falar, falar...

[...]. Veio substituir Heinz Rahner, um alemão que também não ficou por cá muito tempo. Mas o pouco que ficou, foi o suficiente para nos deixar sem carne. Gastou todos os recursos que os sócios tinham disponibilizado, deixando um P&L com os piores resultados de sempre. Era um déspota dos valentes. A sua arrogância e autoritarismo desmotivaram departamentos inteiros, alastrando-se por todas as sucursais. A boa imagem

que tinha dos germânicos desvaneceu-se. A sua saída foi aplaudida em massa. Ficaram os ossos.

Após meses em autogestão, ficámos aliviados e de esperança renovada com a entrada do Philippe. Mas, azar dos azares, saiu-nos um egocêntrico. Não consegue aplicar a regra de ouro para se ser um bom líder, a de saber ouvir. Bem pelo contrário, ouve-se apenas a si próprio. Eu, eu e eu. Inicialmente até foi interessante, pois era necessário fazer-se conhecer. Mas, depois, começamos a ouvir tudo de novo, uma e outra vez. Mais irritante do que a repetição, é o não querer saber do que os outros têm a dizer. [...]. Na maioria das vezes prefiro paz à razão. Sempre que insisto em acabar a minha linha de raciocínio, grita-me a dizer que estou a interrompê-lo. Um pesadelo. Todos nos queixamos do mesmo. O nosso *boss* é assim, lá se foram as esperanças. Homem pequeno, ou velhaco ou dançarino, e eu nunca o vi dançar. Até o Esteban partilha da mesma opinião: ele é um perverso narcisista, um incontinente verbal, e a sua capacidade de liderança está muito abaixo da “mórdia”. Sim, um misto de merda com média.

De todos os processos que me trouxeram até ao estado mental em que me encontro, ele foi o vírus mais severo: danificou a minha capacidade de memória, desconfigurou os meus ficheiros importantes e afetou a minha velocidade de processamento. Tenho o cérebro exausto e não estou realmente nos meus melhores momentos para ter de aturá-lo logo de manhã. Não me sai da cabeça o desastre do meu casamento, o Lourenço não para de me enviar mensagens aconselhando-me a fazer terapia com psicólogo, e o que eu quero mesmo muito é desaparecer nos Himalaias.

Mas ele é um frenético e que remédio tenho eu se não abrir o portátil e mostrar-lhe o *business plan* de Portugal para apresentar no dia seguinte. Sei estar uma cagada pegada, passei a semana a vomitar e o fim de semana no aeroporto. Não tive outra solução senão trabalhar a partir do plano do ano passado, no que ainda me soube elogiar. Mantive a ordem, apenas atualizei os dados financeiros referentes a este ano, adaptei a estratégia sem alterar as linhas mestras, e mudei as cores de fundo. Parece novo, mas é apenas um *copy-paste* do anterior, redecorado e com dados atuais.

[...]. Depois de ler a minha análise, franziu o sobrolho e com o indicador apontado para mim, comenta com sarcasmo:

- Continuas a criticar o Marketing de Desenvolvimento, a queixares-te de não teres orçamento para investires. Se este produto tem o mesmo formato noutros mercados e funciona, qual o pretexto de não funcionar em Portugal?

Ouçoo sem nada dizer. Na verdade, já não tenho forças. [...]. Mas enfim, deixo-o continuar...

- Em vez disso, devias dizer o que é que consegues fazer com o que tens! Portugal está com má reputação, ouviste? E eu sei porquê! Porque tu não és capaz! Porque trabalhas de forma obsoleta! Não sei até quando vou conseguir tapar o buraco de Portugal.

“Obsoleta o tanas!”

Luto por manter a minha dignidade e autoestima inquebráveis, mas a doer. [...].

Daria tudo para não estar aqui.

1.4

[...].

Com o “complicómetro” ligado, não paro de chorar toda a jornada. Sempre de óculos postos para disfarçar, vou passando discretamente com a língua aos cantos da boca, acolhendo as lágrimas que escorrem sem parar. Ninguém se apercebe, a verdade é que me tenho posicionado sempre estrategicamente para não ser vista. O mais atrás possível e ao canto da grande sala de apresentações. Fujo dos lugares de destaque.

Nos intervalos, refugio-me na casa de banho. Os meus olhos são os de um peixe sem vida há muito. Nunca tiro os óculos escuros, mesmo sob luz artificial. Ao manter-me neste negrume que me assombra, não preciso de fazer muito esforço para que todos se afastem de mim. Naturalmente, ninguém se sente atraído para se aproximar. Funciono como um íman, mas ao contrário, de efeito repelente.

Felizmente, hoje não é o dia da minha apresentação. Só tenho de ver e de ouvir. Tenho de me controlar e preparar-me para o *cocktail* desta noite.

São 18h45 e finalmente já podemos subir aos quartos. Temos de estar prontos no *lobby* do hotel às 20h00 em ponto. Ninguém espera por ninguém.

Tomo um duche prolongado, sentindo o conforto da água quente a escorrer-me pela coluna, até o vapor de água invadir a casa de banho densamente. Peço a Deus que me dê forças. O que me apetece mesmo é inventar uma desculpa e não ir ao jantar. Preferia beber um chá e enrolar-me na cama, mas continuo a preparar-me. Lavo bem o rosto e esforço-me para ter boa cara. Coloco pouca maquilhagem. Prefiro não carregar, dar-me-á um ar mais pesado. Ainda por cima estou com o herpes labial a estragar-me a pouca beleza. Triste miséria.

[...].

1.4

THE STAGE, Piazza Gae Aulenti

Seguimos em dois autocarros *pullman* até à Piazza Gae Aulenti, em direção ao restaurante. A viagem foi curta. Não fica muito distante do hotel, mas a previsão de chuva e noite fria impediu que o fizéssemos a pé com conforto.

[...].

Atravessamos a praça contornando a grande fonte ao centro. Esforço-me por me concentrar na beleza da arquitetura. Um e outro vão metendo conversa comigo numa caminhada apressada, ultrapassando ao frio que se faz sentir. [...].

Enquanto todos se amontoam à porta do THE STAGE para entrarem o mais rápido possível, eu deixo-me ficar para trás propositadamente, enquanto fumo um cigarro. O cigarro é sempre uma boa desculpa para disfarçar a insociabilidade.

Uns bons minutos depois, subo então as escadas que dão ao piso do restaurante, e deparo-me com a malta toda na sala do fundo, todos a monte em volta do balcão do bar onde servem bebidas e passam canapés. O ruído estridente e a concentração de pessoas fazem-me tonturas. Procuro posicionar-me junto dos que tenho menos confiança, do lado oposto aos meus amigos. Assim não corro o risco de alguém meter conversa, estou só de corpo presente e muito dormente. Mas o vinho branco sabe-me bem, tenho de tirar o chapéu aos italianos, também os têm excelentes e este vem mesmo a calhar. “Vou beber outro.”

Começo a ficar mais bem-disposta. Até já sou capaz de sorrir com a boa disposição dos outros. Mas o barulho continua a perturbar-me e o calor também, “preciso de ar”.

Dispersa nos meus pensamentos, atravesso a sala do restaurante ainda vazia e desço novamente para voltar a fumar lá fora.

Não dou pelo tempo passar.

“Bolas, está frio!”, apago o segundo cigarro e volto para dentro.

Assim que acabo de subir as escadas, já ninguém se encontra de pé na sala do bar, já estão todos sentados à mesa. “E agora?”, sinto o coração disparar, quase em pânico. Todos os lugares das mesas onde os meus amigos se sentaram estão ocupados, e os únicos vagos são em mesas onde está o pessoal administrativo. Além de não os conhecer bem, não me identifico muito com eles. Empatia zero.

[...].

Deambulo pelo restaurante perdida, não me apetece ficar com os alemães nem com os italianos ou os ingleses... não estou com espírito para fazer conversa, especialmente em inglês, que me obriga a pensar. Mas são as únicas mesas com lugares ainda vagos. Ninguém repara em mim, estou completamente invisível. “Hum... não, aqui não fico!”, e reajo atravessando a sala à procura dos meus colegas chegados.

Vejo-os sentados numa grande mesa de canto, encostada a um grande janelão, rodeada por um confortável assento corrido em U, em pele cor de marfim. Só do lado de fora a mesa é fechada com cadeiras. Confirmo meia aparvalhada que não há um lugar disponível para mim. “Não pode ser...”, e deixo-me ficar de pé assim, estática, até que interrompo as conversas entre eles, bem animadas por sinal, e com um sorriso idiota pergunto alto e a bom som:

- Olá... Então? Ninguém se lembrou de me reservar um lugar?

Como se a culpa fosse deles.

No mesmo instante, como se tivessem sido picados por um alfinete, reagem arredando-se imediatamente para o lado. Encostam-se uns aos outros arrastando simultaneamente os marcadores sobre a mesa, de forma a que eu caiba no canto de fora, próximo de onde estou. E aqui me sento numa pontinha. “Ahhh, que alívio...”

Logo vem um empregado colocar o meu lugar de mesa, transferindo os utensílios de um lugar vago distante. Respiro fundo, afinal até tenho sorte.

O meu humor vai subindo à medida que o vinho vai entrando. [...].

Começo a conversar com o vizinho do lado direito, depois com o da esquerda, e até com os do meio. Embora o Esteban esteja noutra mesa, estou bem acompanhada, apesar de os mais íntimos estarem na outra ponta. E bem posicionada também, pois posso levantar-me sem incomodar ninguém.

Inconscientemente, vou observando o corrupio dos empregados de mesa a entrarem e a saírem da cozinha pelas portas com vigia, trazendo vários pratos numa só mão, em equilíbrio e esforço entre dedos.

Parte da noite já passou e sinto-me bem melhor. Mais recomposta, converso com pessoas inteligentes temas interessantes e aprecio a noite. Longe de pensar no que pode vir a seguir.

A conspiração dos Deuses

Fui sendo servida por um só empregado, sem lhe prestar atenção. Reparo apenas que é despachado e eficiente. Estamos na fase de ser servida a sobremesa e, nesta altura, muitos já se levantaram para falar com colegas de outras mesas, ir à casa de banho ou fumar lá fora. Já não há disciplina de lugares sentados, e os meus convivas dos lados também acabaram por se levantar, deixando-me isolada.

De olhos mortços postos sobre a mesa, dou pela sobremesa ser colocada à minha frente. Olho de relance para o empregado para lhe agradecer com o habitual “*grazie*”, voltando-me novamente para o prato, que ele ainda segura na mão. E neste momento sou surpreendida com um doce comentário próximo do meu ouvido, em italiano:

– *Sei una bella donna* – declara muito discretamente, ainda inclinado.

Penso não ouvir bem, não por não dominar bem o italiano, mas por achar despropositado. Dirijo o meu olhar na sua direção. Já ereto, o homem mantém-se de frente próximo de mim, esboçando uma expressão simpática e algo nervosa, confirmando ser dele o comentário que acabei de ouvir.

Vê que a minha cara é de incredulidade e volta a inclinar-se, repetindo:

– *Sei una bella donna. Voglio incontrarti.*

E desaparece.

O meu italiano é péssimo, mas suficiente para perceber que disse eu ser uma mulher bela e que quer conhecer-me.

Com o queixo a bater-me no peito e a velocidade do sangue a aumentar, não consigo evitar sorrir como uma menina, desviando o rosto para esconder o embaraço. Nunca fui uma mulher tímida, mas há anos que não sou cortejada. Confesso que estou perplexa e contente. Pensava que já ninguém olharia mais para mim assim.

Enquanto ele prossegue com o seu trabalho, vamos trocando olhares disfarçadamente, até que chega o momento de nos servir os cafés.

Começa pela outra ponta da mesa por perguntar um a um se bebem café ou outra coisa, deixando-me para o final. Até que chega a minha vez. Os meus colegas do lado ainda não regressaram e os mais distantes conversam animadamente: estou fora do foco.

– *Un decaffeinato, per favore...* – peço-lhe algo altiva.

Finge não me ouvir: a música ambiente e o entusiasmo ruidoso dos comensais podem ter dessas coisas. Por isso aproxima-se mais e mais ainda num gesto rápido, aparentando atender-me. Pede-me sem rodeios o meu número de telefone, sem mostrar consciência da sua ousadia.

Finjo não ouvir. E repete:

- *Dammi il tuo telefono. Voglio parlarti.*

Está mesmo a meter-se comigo.

Levanto a cabeça e olho-o fixamente, incrédula. Quero reparar bem na pessoa que aqui está. Vejo um homem com bom aspeto, com ar limpinho, bonito, de estatura média, com uma simples camisa branca cintada e calça preta de corte cigarro que realça a sua silhueta elegante. É do tipo moreno, tipicamente italiano. O corte de cabelo é raso em quase toda a cabeça, apenas longo no topo estilo jogador de futebol. Nada o meu género, diga-se de passagem. Mas o que mais me surpreende é a idade. Deve ter uns 33 anos, máximo 35. Bem mais jovem do que eu. E quer o meu número de telefone. É doido?

Ele pressente que estou recetiva e, como no grupo há muita gente de diferentes origens, quer saber quem sou, curvando-se respeitosamente, no limite da distância socialmente correta:

- *Parla italiano?* - pergunta olhando de um lado para o outro, controlando se alguém perceberá o que se está a passar.

- *No, io no parlo italiano, io parlo inglese* - respondi trocista, reclinada no banco almofadado que mais me parece uma nuvem.

- *Ahhh... io no parlo inglese... solo francese. Parla francese?* - pergunta com um sorriso disfarçado.

Encolho os ombros, “verdade? Francês? há décadas que não falo francês...”

Interrompe o meu impasse com ar de gozo, dando a resposta por mim:

- *Comme si, comme ça? Un petit peu? Non?*

- *Un petit peu...* - que remédio tenho senão sorrir e anuir. Gosto do seu atrevimento.

- *On parle en français, alors! Donne-moi ton numéro de téléphone. Je veux te rencontrer!*

E sai para começar a servir os cafés. Ficam-me as covinhas do seu sorriso.

Quer estar comigo? Nem acredito! [...].

Essa possibilidade está a deixar-me bastante animada. Ainda incrédula, sem conter um sorriso aparvalhado que teima em agarrar-se à cara, deixo-me levar, e de cada vez que ele passa para servir, faz-me a corte. Já nem me lembrava da sensação de ser cortejada, ou melhor, engatada. Sim, estou na iminência de viver um *flirt*, de fazer sexo com um estranho e estou a gostar da ideia. Alimenta-me o ego e permito soltar-me.

Observo os meus colegas à mesa, que continuam a conversar uns com os outros, sem perceberem nada. Entretanto, regressam à base os que estavam ao meu lado, mas já não consigo continuar a conversar. Prefiro distrair-me com esta situação inesperada.

Encosto-me atrás para que possam conversar entre eles, fingindo que estou a prestar-lhes atenção. Apenas penso como vou sair desta e como passar-lhe o meu contacto sem que ninguém se aperceba. “Dou-lhe o meu cartão profissional?” Não, não vou fazer isso com um desconhecido. Não tem de saber quem sou nem onde trabalho, é só para o que é. “Pensa Mia, pensa!”

Não perco muito tempo até encontrar solução, assim que olho para o topo do marcador. Pego na folha da ementa pousada à minha frente, desenrolo-a, saco de uma caneta e escrevo “Mia”, abaixo o número de telefone sem esquecer o indicativo, e na terceira linha “WhatsApp”. Volto a enrolar o papel bem enroladinho e guardo-o no bolso do bolero com ar de safada. “O que estás tu a fazer?”

Este pensamento denunciou-me. No outro canto da mesa, uma colega interpela-me com um sorriso de orelha a orelha:

- O que estavas a escrever, Mia? Estás cá com uma cara de caso... he, he, he.
- São só umas ideias para amanhã - respondo marota.
- Que misteriosa estás, Mia...

Ouvi e sorri. Acho que fui apanhada, mas não quero saber. Sou maior e vacinada. Uma energia imensa despertou em mim.

Descobri, entretanto, que não é preciso sair do restaurante para fumar: há um terraço coberto bem mais próximo. Apresso-me antes que o café seja servido, deixando o recado à colega mais próxima: “quando o empregado chegar com o descafeinado, em vez de o deixar na mesa, que o leve ali fora, vou fumar.”

O terraço apesar de coberto é gelado. Só eu é que não me queixo do frio, pudera. Sento-me sozinha numa mesa discreta e sem ninguém por perto, ansiosa na verdade.

O rapaz chega então com o café, perguntando logo em francês se já lhe escrevi o meu contacto. Sem nada dizer, estendo-lhe a mão entregando-lhe o papel enrolado sem qualquer receio, pois tenho a certeza de que faço a coisa certa. Estou entusiasmada, distraída, e já não sinto angústia ou o coração esmagado. Apenas o nervoso miudinho de uma adolescente a fazer asneira.

Ele saca-o das minhas mãos como um golpe de magia e mete-o no bolso das calças a uma velocidade supersónica, e pisga-se. Não pode ser apanhado.

De regresso ao hotel, entro no autocarro ainda em *slow move*, completamente nas nuvens. Não por ter bebido, estou bem consciente. Estou finalmente a sentir alegria e gratidão por esta reviravolta inesperada, por este mimo que começou com o homem de luvas sem dedos.

1.5

Mal entro no quarto, vou de imediato espreitar o telemóvel, como uma *bambina*. Não o consegui fazer no autocarro, já que a companhia do lado não parava de falar comigo.

Confirmo com satisfação já ter uma mensagem dele no WhatsApp, “Ciao, Cara”, com uma foto em que está de camisa tipo havaiana, chapéu branco e pele dourada. Percebo que não é recente, deve ter sido tirada no último verão em férias. Ainda bem que a mandou, já não me recordava bem do seu rosto, apenas do sorriso. O restaurante tinha uma luz baixa e foi tudo muito rápido.

Respondo-lhe:

“Ciao bambino, piacere di conoscerti”, quis ser atrevida tratando-o por miúdo, e que tive prazer em conhecê-lo. Sim, não vou perder a oportunidade.

“Mi fa piacere anchi a me”, o prazer é dele, responde educadamente.

“Quando andrai a Lisbona?”, sem saber como meter conversa, perguntei quando viria a Lisboa... que tonta! Ainda sou uma novata.

“Quando vuoi tu...”

“Humm...”, quando eu quiser?

“Sei single?”

Single é solteira? Não lhe respondo. Não quero mais conversa, estou demasiado cansada para andar no tradutor para cá e para lá e preciso de descansar. Por isso escrevo apenas “Buonna notte” e gravo o seu contacto como “Italiano”.

Mas eis que volta a falar comigo, desta vez em francês, perguntando-me até quando estarei em Milão. Atrapalhada, resolvo ir novamente ao tradutor, mas desta vez não memorizo, copio o texto traduzido e colo-o diretamente no WhatsApp. Respondo-lhe que estarei até quinta-feira, e que tenho apenas mais uma noite... “Je pars jeudi, je ne reste qu’une nuit de plus”.

Assim que envio a mensagem o telefone toca. É o italiano que me está a ligar. Tremo como varas verdes. A sua foto de perfil é a de uma flor, poderá ter algo de poético. Admiro os homens que admitem gostar de flores sem preconceitos. Não sei o que faça, atendo? Mal sei falar francês... que cena!

Deixo-o tocar ainda algum tempo até que finalmente o atendo sentada na cama. A sua voz é fresca, cheia de jovialidade:

- Allô, ça va? - cumprimenta confiante, mas ansioso ao mesmo tempo.

- Oui, ça va bien - respondo insegura, sem saber o que dizer.

- Je veux te voir. Demain. Tu viens dîner avec moi!

Ouvi bem, “quero ver-te amanhã, tu vens jantar comigo”. E não convida, ordena.

- Demain? Je ne sais pas... - faço-me de difícil, mas a dificuldade maior é mesmo o idioma.

- Je veux te rencontrer. Demain tu viens chez-moi. Jusqu’à quelle heure tu travailles?

Ele insiste em querer estar comigo em casa dele, o que me deixa lisonjeada. Mas porque pergunta até que horas trabalho? Seja como for, consulto a agenda que está em cima da cama para ver a hora suposta do fim da convenção:

- Hum... je serais libre après cinq heures de l’après-midi, je crois... - respondo-lhe que deverei estar livre depois das cinco da tarde.

- Alors, à six heures de l’après-midi chez-moi! - conclui.

Teima para estar em casa dele às seis da tarde. É mesmo mandão ou é só impressão? Que persuasão, credo! Ir às seis da tarde? É doido? Vou dizer-lhe que a essa hora não.

- Non, non... six heures? C’est... - balbucio. É demasiado cedo, e como se diz isso em francês? É mais fácil dizer sem gaguejar que a essa hora não dá, e que só posso às oito. - Je ne peux pas à cette heure, seulement à huit heures.

Faz-se uns instantes de silêncio até que volta a insistir:

- Non, huit heures c’est trop tard. J’ai besoin d’avoir de temps avec toi - persiste, dizendo que a essa hora é muito tarde e precisa de tempo comigo.

A sua voz tem mel ou tem visco. Que agarra, agarra.

- *Je ne peux pas avant, je, je...* - respondo, insegura, sem saber bem como me exprimir. Nem pensar ir antes das oito da noite. Não é preciso tanto tempo juntos. Além disso, só quero que me veja à luz da noite.

Finalmente rende-se:

- *Ok, huit heures alors. Je vais t'appeler demain et je te donnerai mon adresse.*

- *Ok. Ciao.*

- *Ciao, buona notte.*

Boa! Amanhã liga-me para passar-me a morada. Isto está a ficar emocionante! Ponho o alarme para despertar e estendo-me na cama de braços abertos sem acreditar no que está a acontecer-me. Será mesmo verdade? Serei capaz de cometer a loucura de ir jantar a casa de um estranho, em Milão?

Preparo-me para dormir, ainda meio atordoada com a volta que estou a dar. Estarei bêbada?

1.6

[...].

A ordem dos trabalhos começa pelos mercados mais importantes, sendo que Portugal ficará como sempre para o final, devido à dimensão que tem. Passo o dia desconcentrada à espera que chegue a minha hora.

O almoço é volante para ser mais rápido. Bebo mais daquele vinho maravilhoso e até já consigo confraternizar com os meus colegas como nos velhos tempos. Já rio e conto piadas, e nem repararia que estou a comer demasiado se não fosse o Esteban a chamar-me à atenção, "*comes como una loca, madre mia!*".

Reiniciaram-se as apresentações da tarde com grande atraso, o que fez com que terminássemos sem que Portugal tivesse tempo de antena. Muitos têm de seguir para o aeroporto em cima da hora.

- Sinto muito - lamenta o Philippe -, não deu tempo para tudo. Mandas-me depois por *e-mail* em PDF e eu reencaminho para todos.

Sinto um alívio extraordinário. Desta vez estou radiante por Portugal ser o parente pobre.

Enquanto me despeço daqueles que entram no autocarro que os conduzirá até ao aeroporto, penso afinal na sorte que tenho por ficar mais um dia em Milão. Todas as sucursais partem neste dia, apenas os da sede ficam para o dia seguinte.

Vejo o Esteban com um olhar cansado, o dia ser-lhe-á longo e amanhã continuará. Enquanto eu, livre que nem um passarinho, afasto-me de todos em pulgas para me meter com o Italiano por mensagem. Quero saber como se chama, se vive perto daqui e se é fumador.

Assim o faço, e de rajada:

“Allô, ça va? Je ne sais pas ton nom encore... Tu habites proche de la Gare Centrale? Mon hôtel est à côté. Combien du temps pour aller de taxi chez-toi? Ah, par curiosité, es-tu fumeur?”

Quero preparar um cigarrinho maluco para logo e poder sentir-me mais descontraída, mas se me responder que não fuma, será complicado. E assim saberei se devo preparar-me mentalmente para um jejum tabágico, não quero ter a boca a saber a cinzeiro.

“Oui, je fume des cigarettes”, responde já online.

Consolada por ser igualmente fumador, dou-lhe luz verde para me ligar:

“Je suis libre, tu peux m'appeler.”

Não hesita nem um pouco. O telefone toca logo a seguir.

- Vem, vem já. Estou à tua espera!

Pela voz e discurso, parece muito ansioso. Faça contas: são cinco e meia da tarde. Eu ir já? Puxa, é insistente...- Conta comigo só a partir das sete e meia - respondo, resistindo ao seu tom autoritário. - Envia-me o teu endereço para eu ir de táxi, está bem?

- Mando já de seguida. Em que hotel estás?

- Estou no EXCELSIOR GALLIA, Piazza Duca.

- Excelente hotel... 5 estrelas, muito luxuoso. Conheço-o bem, já trabalhei lá.

- É longe da tua casa?

- Não, fica tranquila. Fica a uns quinze minutos de táxi. Estás próxima.

Que alívio... olhem só se ele vivesse nos arredores de Milão. Que sorte!

Antes de terminar a chamada, ocorre-me algo extremamente importante:

- Ah, já me ia esquecendo... que tipo de vinho queres que eu leve? Espumante? Branco, tinto?

Faz-se um silêncio prolongado. Percebo que hesita na resposta. O que terei dito de errado?

- Bem... traz o que quiseres, o que gostares para ti...

1.7

Resolvo despachar-me para procurar um supermercado, sem *stress*. Ouvi dizer que há um próximo daqui, mesmo debaixo das galerias da Gare Central. Olho para o céu das grandes janelas do átrio e percebo que está prestes a chover. As nuvens estão cinzentas e bastante carregadas, prontas para explodirem. Mas vou nas calmas, estou com tempo.

Entro no supermercado e olho para os lineares: muito pobres. Neste momento, vem-me à cabeça o hesitar do rapaz quando lhe falei no assunto. Provavelmente para os Italianos fica mal uma mulher levar vinho no primeiro encontro. Ou então, já tem preparada uma boa garrafa e ando eu aqui a perder tempo para levar uma rasca qualquer. Esquece, não o vou levar afinal.

Decido levar-lhe antes um chocolate e, lembrei-me a tempo, também umas velas. Sim, os homens não são românticos, muito menos num caso de engate repentino. E eu preciso de velas para ficar mais descontraída, sei lá, a atmosfera torna-se mais propícia para uma boa conversa, e mais sedutora também. É isso.

Procuro pelos corredores e não encontro nada. Merda. Quase em pânico, com as maçãs do rosto quentes, resolvo pedir ajuda a um funcionário que me indica o corredor dos ambientadores. Lá vou eu.

Vejo apenas uns copos em cerâmica com parafina perfumada, com várias fragrâncias à escolha. Bem feios por sinal, não era bem isto que eu queria. Mas levo duas, os homens não costumam ligar a essas coisas.

Volto para o hotel a pensar na roupa que devo levar vestida. Não que tenha muita para escolher. Olho para o relógio e percebo que tenho de me apressar... o coração já começa a palpitar. “Respira fundo Mia, nada de ansiedade. Vais fazer tudo com calma.” Percorre-me pelo corpo uma eletricidade que pretendo atenuar. A curiosidade de saber como ele beija, a que sabe, o que sentirei na primeira penetração, e se ainda saberei fazer amor com alguém que não o Lourenço, deixa-me expectante. A última vez foi há tanto tempo que já nem me lembro. E agora, será com um homem que vi furtivamente uma única vez. É entusiasmante e agita, e essa sensação agrada-me, muito. Faço o caminho quase todo aos saltinhos. Estou de sapatos rasos, mas ninguém o diria.

Ao espelho não me acho mal de todo. Preparei-me com um bom creme de corpo perfumado após o banho e vesti roupa íntima *sexy*. O cabelo está a meu favor, hoje o ondulado está mais bonito. Volto a apostar numa maquilhagem natural, nada que me carregue o semblante. Coloco um adesivo próprio para o herpes labial, lamentando-o. Encolho os ombros. Paciência, já me conheceu assim.

[...].

1.8

Entro no táxi confiante, e, antes de arrancar, mostro pelo telemóvel ao taxista a morada que o Italiano me escreveu.

- *Via Cascia 7* – repete aconchegando os óculos.
- *Grazie* – agradeço aliviada por não me pedir indicações extra.
- *Prego, signora.*

[...].

Durante o caminho vou observando atentamente o enquadramento urbano por onde o táxi vai passando. Caindo em mim, sou assaltada com várias dúvidas. Para onde se dirige? Para que parte de Milão? Para os subúrbios? Que tipo de prédio ou apartamento vive? A porta terá graffiti? Traficantes à porta? Elevador? Meterá medo? “Tem calma Mia, perto da Gare Central não poderá ser um bairro mau”, diz-me a consciência. Mas depois lembro-me que perto da Expo há Moscovide, Olivais, e um empregado de mesa não deve viver numa zona chique, pois não? Por isso, volta a falar comigo, “é melhor não teres grandes expectativas, minha querida! Prepara-te para subires a pé as escadas dum prédio velho, com uma entrada medonha e portas riscadas por fora... Brrrr.”

[...].

Neste percurso de tempo, o dia deu lugar à noite rapidamente.

O táxi dirige-se para um bairro menos populoso, onde os prédios são baixos e afastados, e a construção aparenta ser recente. Até que este entra num beco sem saída e continua até ao fundo, devagarinho, parando finalmente em frente a um “bunker”.

Parece uma discoteca. Confesso que estou confusa e um pouco assustada. De esquina para o edifício vejo a fachada e o alçado lateral bruto, sem janelas. E no topo, junto ao telhado, vários holofotes alinhados projetam cones de luz que se entrelaçam na grande parede, comum em discotecas ou espaços de espetáculo.

“E agora? Se calhar o encontro é num restaurante e eu percebi ser na casa dele. Tontinha...”

Ligo para dizer-lhe que cheguei: “*Je suis là*”. Pede que o espere dentro do táxi e que já virá buscar-me.

Está completamente escuro e chove novamente.

Abre-se então um grande portão de acesso a carros, e lá o vejo a aproximar-se debaixo de um grande guarda-chuva sob a luz dos holofotes, de sorriso nos lábios. Fico tranquila, embora inquieta. Não é embaraçoso como pensava que seria. É como se me aparecesse à frente um amigo ou um colega recente.

Pago e abro a porta, meia atrapalhada pela chuva miudinha. Ele ajuda-me a sair, cobrindo-me com o seu grande chapéu, agradece ao taxista e fecha a porta. Pega gentilmente no meu libertando-mo da mão, e dá-me o braço para que não me molhe. Sinto-me abrigada e segura.

Fomos entrando pela propriedade, um condomínio com um grande relvado a atravessar para chegar ao edifício do outro lado, onde mora. O caminho sobre a relva é marcado por um trilho de placas de madeira que, molhadas pela chuva, se tornam muito escorregadias.

- *Fait attention!* - adverte, dando-me o braço com maior firmeza.

O chão desliza como gelo, mas sinto-me em equilíbrio agarrada ao seu braço, rijo como pedra. Gosto disso. Aventureira, divirto-me em ultrapassar o primeiro desafio.

Chegámos ao edifício e entramos num pequeno átrio, onde lanços de escadas desencontrados e algo confusos dão para o elevador de exterior. Não é um elevador qualquer: parece um monta-cargas, enorme e de inox, pode caber um Fiat 500. Não presto atenção se subimos se descemos. Quando este se abre, surge à direita um longo corredor, misterioso e fora do comum, com paredes verde-pistache e portas dos apartamentos cinza-escuras. A iluminação artificial é lusco-fusco, muito agradável. Gosto imenso do que vejo, construção moderna, alternativa.

Percorremos o corredor até ao fim, dando a um pátio interior aberto, onde ao centro umas árvores tóxicas saem de uns canteiros quadrados. Olho para cima e vejo a céu aberto uma estrutura metálica a fazer ziguezagues, circundando uma manga gigante de tela branca, lembrando um saco de café antigo, a fazer de abajur. O conjunto parece uma escultura gigante, ao estilo da Joana Vasconcelos. Tão bela e insólita que não deixa adivinhar que as estruturas metálicas são, afinal, uns passadiços estreitos de acesso aos apartamentos do piso acima.

Volto à terra quando oiço o tilintar das chaves a abrirem a porta do apartamento.

- Chegámos...
[...].

Pega-me na mão e acompanho-o pelo corredor até ao quarto.

1.9

Assim que entramos no quarto, mudamos o registo. Toda esta atmosfera intimista e *sexy* é combustível altamente inflamável para uma grande exaltação sexual. Um calor interno percorre-me intensamente o corpo, inebriando os meus sentidos. Deixo-me levar, sentindo o prazer do toque forte das suas mãos que deslizam pelas minhas pernas e me despem o vestido. Num movimento rápido, puxa-me pela cintura contra si pressionando as minhas coxas contra as suas, deslizando o seu tronco em suaves e repetidos movimentos de baixo a cima. Eu, ainda de *lingerie*, puxo-lhe desajeitadamente a *T-shirt* sem saber bem onde pôr as mãos, contemplando o seu belo físico que dá fortes sinais da sua virilidade. Caramba, quero-o mesmo. Os braços são fortes e robustos, de contornos musculados e ombros bem proporcionados. Encosto-o à parede e acaricio-lhe os peitorais, firmes e bem delineados. Ao tato a pele é macia e sem qualquer imperfeição. Saiu-me a sorte grande. Deslizo as mãos até ao seu ventre, plano e duro, e continuo a investigar todo o seu corpo, deliciada. Não nos beijamos na boca, mas beijamo-nos em todo o redor, olhos, orelhas, pescoço, ombros, cabelo... fervorosamente. Percorro o seu peito com beijos de língua e sinto o sabor da sua fragrância oriental. Vou descendo, pouco a pouco, despindo-lhe as calças sem pressas nem pudores, tocando e beijando aquele músculo tão perfeito que aqui está para mim. A adrenalina está a deixar-me inconsciente, sem medir riscos ou consequências.

Seguimos para a cama, onde o encontro é meigo e intenso, recebendo-o dançando até levitar. “*Bello, molto bello*”, diz penetrando-me o olhar enquanto me satisfaz, encontrando sempre a melhor posição para dar e receber o máximo de prazer. E quando os seus olhos escuros e misteriosos se voltam a encontrar com os meus, pergunta-me delicadamente baixinho, num ritmo quente e profundo: “*Sei una donna per uno, due o tre?*” Ouvei a pergunta e descodifiquei-a no meu cérebro: perguntou-me se sou mulher para uma, duas ou três? Com esta tensão toda, só posso responder “três”. Acariciando o meu rosto com o nariz, retorque-me ao ouvido com voz angelical, “*Brava!*” Entrelaçamos os dedos das mãos e não damos pelo tempo passar.

[...].

Acende outro cigarro à porta do terraço e pergunta-me se estou bem, enquanto me oferece o maço de tabaco aberto para que me sirva. Continuo a sentir-me como uma criança na noite de Natal, só recebo presentes.

Entre as passas do cigarro, continua a falar:

- És brava, és mulher para três. E vais ter três... - di-lo com uma expressão pensativa - mas a próxima vai ser selvagem... sim, quero fazer amor selvagem contigo. E então depois virá a terceira, que será um misto das duas, metade meiga e metade selvagem. Vais experimentar de tudo comigo hoje - desafia-me.

“Eh lá, isto promete! Este sabe-as todas.”

Sinto um formigueiro a subir-me pela barriga só de pensar no que acabei de ouvir. Presto novamente atenção ao meu traje. *Boxers* rosa-choque e camisola branca de alças, tão larga que me faz descobrir os seios. Sinto-me confortável assim. Estou a gostar tanto de aqui estar. Como estou grata.

Terminamos o cigarro e voltamos ao quarto. Não contei os minutos, mas acho que nem vinte passaram. Como pode ele ter recuperado em tão pouco tempo? Não interessa. Estou aqui e quero gozar.

[...].

1.11

De volta ao hotel, repasso e visualizo mentalmente a noite que acabei de experienciar. E a minha cara quando ele me pediu à despedida que lhe deixasse o guarda-chuva de recordação. Para que ele o quer? Comprei-o num chinês qualquer, não era nada de especial. Podia ter-me pedido as cuecas *sexy* como troféu.

Olho para o pulso para controlar as horas e dou conta de que o relógio ficou em cima da cómoda. Paciência, depois desta noite não vou chorar o perdido. Sim, uma noite mágica, com todos os ingredientes reais, provenientes do imaginário de uma mulher romântica e sonhadora. Ao pormenor, tudo conspirou a meu favor. Tudo. Vivenciei um momento inesquecível, assim, de improviso. Vou guardá-lo bem, não o vou esquecer nunca. Receio, ternura, aventura, sexo, intimidade, conexão, o mundo árabe... tudo num só encontro. E o mais comovente e enriquecedor foram as mensagens sábias que me foi passando para que eu seja um Ser feliz. Interpretei-as como mensagens de luz, vindas de outra dimensão. O universo divino quer que eu aprenda e cresça, e eu estou recetiva a sair da escuridão. Este presente vai transformar-me para sempre. Jamais serei a mesma.

Atordoada, não paro de pensar: quais as probabilidades de uma mulher triste e vazia ter oportunidade de viver um momento destes? Foi um acaso? Por que razão o meu voo de regresso foi cancelado? Porque me atrasei tanto e acabei por ter de me sentar na ponta de uma mesa de improviso, isolada? Por que raio haveria um jovem bonito em Milão reparar numa mulher madura, de cara fechada? Nada foi accidental, foi tudo uma conspiração divina. O meu anjo já não sabia o que fazer para me acordar e, em desespero, resolveu conspirar à grande, o malandro. “É agora a grande oportunidade”, pensou quando marquei a viagem, proporcionando-me todos os meios para eu vivenciar uma história de encantamentos. Não paro de sorrir, não consigo evitar. Até uma greve na companhia aérea foi engendrada, situações à partida sem uma finalidade óbvia, mas que agora se percebe: é tão evidente a mão divina. Tranquilizou o meu espírito no momento

da dádiva, dando-me coragem, despindo-me de preconceitos, fortalecendo a confiança para que eu me deixasse levar, sem receios. Permitiu-me conhecer este homem encantador, com uma vivacidade contagiante, sábio, e, mais elevado ainda, de coração branco. Lindo por dentro e por fora, de extrema sensibilidade e surpreendente a cada momento. Todos os gestos denunciaram a sua generosidade, e as máximas de vida transmitidas pareciam chegar do além. Captei as mensagens e saboreei excelentemente todos os momentos. Talvez tenha sido este o meu despertar.

[...].

Atravesso o hangar do aeroporto triunfante, como um atleta paralímpico que regressa ao seu país com uma medalha ao pescoço. Passo despercebida ao mundo, mas conquistei a maior grandeza que podia ter feito por mim e só para mim.

Presto atenção a tudo, ao bonito e ao feio sem criticar. Apenas observo. Não reclamo pelo tempo que ainda tenho de espera, nem pela confusão gerada pela greve. Nem sequer o atraso da descolagem me preocupa. Na verdade, não estou preocupada com nada.

**Os anjos passam na nossa vida, vêm e vão.
Passam-nos de raspão, consertam-nos, e voltam para outra missão.**



O subcapítulo 11.10 e alguns dos parágrafos omissos representam as cenas mais espetaculares de toda a história. Deixámos o *Filet Mignon* para descobrir no livro.

Aceda à página, redes sociais e contactos para compra do livro em:

www.luisapiresdossantos.com